

# A Flor de Lis



Órgão oficial  
do  
Corpo Nacional de Scouts

DIRECTOR  
Dr. A. AVELINO GONÇALVES  
ADMINISTRADOR E EDITOR  
P. CANOJIDO LIMA DAS EIRAS

ANO 4 — Num. 4  
31 de Março de 1928  
Red. e Adm. R. N. de Souza, 27 — BRAGA  
Propriedade da empresa FLOR DE LIS

Preço da assinatura  
Anual . . . . . 11\$00  
Para simples scouts . . . . . 8\$00  
Para o estrangeiro acresce a despesa do correio  
Comp. e imp. — Tipog. Augusto Costa, & C.ª L.ª — BRAGA



## Actos Oficiais

Publica-se  
o seguinte:

É filiado no C. N. S. o Grupo n.º 38 (Beato Nuno Álvares Pereira), no Seminário diocesano de Beja, em Serpa.

Chefe de grupo P.º Abel Varzim da Cunha e Silva, director Cônego António Rebelo dos Anjos, chefe de administração P.º Joaquim Lourenço.

— É demittido do cargo de chefe de administração do grupo n.º 4 de Seniores (Duarte de Almeida) o Sr. António Rocha Júnior e nomeado para o substituir o Sr. António Manuel Rodrigues.

É registada a demissão do Director da Alcateia n.º 12 (Santa Clara), Rev. P.º Abílio Lopes de Sousa e a nomeação para este lugar do Rev.º Mons. José Rodrigues Madeira.

— Tendo pedido a sua readmissão no C. N. S., é reintegrado no cargo de Comissário Regional de Coimbra o Sr. Ten. Amílcar de Sousa Ferreira.

É nomeado ajudante do Comissário do Núcleo do Porto o Sr. João Rebelo Brandão.

D. José de Lencastre  
Com. Nac.

**Scouts e dirigentes! Fazei por toda a parte com palavras e com acções a maior propagação do escutismo nacional e do Corpo Nacional de Scouts: : : :**

## BCA NOVA

Acaba de ser filiado no C. N. S. um grupo com séde em Serpa, a que se deu o número 38 e que tem por patrono o Beato Nuno Álvares. Não se trata duma unidade vulgar, como qualquer outra, e por isso mesmo lhe fazemos uma referência especial. Trata-se dum grupo constituído dentro do Seminário Diocesano de Beja, só por seminaristas, dirigido por Superiores daquela casa de formação eclesiástica e organizado por iniciativa e sob a alta protecção do dignissimo Prelado da diocese. O facto reveste portanto uma importância excepcional que nos vem dar alento e consolação nesta luta de todos os dias pelo triunfo duma ideia que cada vez se nos afigura mais salvadora, a despeito do que sobre ela possam pensar espíritos mal intencionados ou pouco esclarecidos. Reconhece-se assim de facto e valor do escutismo como método educativo, não só para os rapazes que hão-de ficar no estado leigo mas também para os que se destinam ao eclesiástico.

Aos que fazem consistir a educação num serviço de mero policiamento mais ou menos rigoroso, parecerá por certo descabida esta novidade. Mas ela representa sobretudo um golpe profundo em velhos sistemas educativos que vigoraram por muito tempo mesmo nos seminários, com gravissimos prejuizos para a Santa Igreja e para a sociedade. Demais, a novidade já não é nova. A maior parte dos grupos de scouts católicos existentes na Ungria acham-se organizados dentro dos conventos, principalmente dos beneditinos. Os padres salesianos, os jesuitas, os irmãos das escolas cristãs e outros, têm lá fóra numerosissimos grupos de escoteiros nas suas casas de educação. Em Portugal temos agora o primeiro exemplo. Honra a quem o deu e graças a Deus N. Senhor.



## Pelo mundo scout

Durante as últimas férias de Natal realizou-se em Ghent, Bélgica; o congresso annual dos nossos irmãos, os Boy Scouts Belgas de Baden Powell. O congresso foi muito concorrido, tendo tomado parte nele mais de 500 dirigentes. O Sr. Hubert Martin, commissário internacional da Associação Britânica e director do «Bureau» Internacional, que foi convidado a assistir, ficou encantado com o que viu. Impressionou-o não só o facto de tantos dirigentes terem sacrificado uma parte das suas férias para assistirem à reunião, mas também o espirito de fraternidade que reinou sempre na assistência e o interesse manifestado pelo grande numero dos que desejavam falar em cada sessão.

Dos assuntos tratados os mais interessantes foram «disciplina» e «unifórmidade da insignia scout», entre os scouts católicos belgas, está bem de vêr. O congresso foi encerrado com um entusiástico discurso pelo Sr. Bispo de Ghent.

É de notar que os scouts católicos belgas conseguiram no passado anno fundir numa só associação as duas associações católicas que até então existiam no seu país. É este um facto da maior importância para o Escutismo que deve causar prazer a todos os scouts do mundo e pelo qual merecem parabens os nossos irmãos da Bélgica.

Durante o congresso effectou-se uma interessante exposição de trabalhos manuais de scouts.

— Na India realizou-se em dezem-

## VIDA DE CAMPO

Aproxima-se o tempo da saída das sedes para o ar livre dos campos. Como no próximo verão teremos o nosso acampamento nacional e este exige nos que nele tomarem parte conhecimentos bastantes de campismo, é indispensável que os grupos e as patrulhas comecem a fazer os seus dias e noites de campo para se treinarem.

Há muitos domingos ainda daqui até Agosto mas todos devem ser aproveitados para este treino. O acampamento nacional, tem de ser mais uma demonstração da competência técnica de cada unidade do que uma escola para inexperientes e ignorantes.

Os que nada souberem da vida de campo é preferível lá não irem porque outra coisa não farão senão estorvar. Aconselhamos portanto como indispensável preparação do acampamento nacional os acampamentos chamados *de fim de semana* que consistem em o grupo sair da sua sede no sábado à tarde, passar a noite e o domingo no campo, regressando nesse dia à noite. É oportuno dar mos aqui algumas instruções sobre a maneira de preparar e efectuar esses acampamentos.

Alguns dias antes (poderá ser na terça ou quarta-feira de cada semana) o chefe de grupo deve ter estabelecido minuciosamente o respectivo programa, e comunica-o ao Conselho de Guias, esclarecendo-o com as instruções que julgar necessárias. Em seguida os guias de patrulha reúnem os seus scouts para lhes darem por sua vez conhecimento d'ele, especialmente na parte que diz respeito à sua patrulha e começarem imediatamente a fazer os preparativos.

Ir para o campo sem que cada hora esteja destinada a seu fim e cada scout tenha em cada hora o seu dever a cumprir, é uma temeridade que pode trazer grandes dissabôres ou pelo menos representa uma perda de tempo. O successo do campo está portanto no cuidado com que for elaborado o respectivo programa e na precizão com que depois for executado.

Do programa deve constar a hora da partida, o local do acampamento, a distribuição dos serviços de campo pelas diversas patrulhas, as horas das refeições, das refeições, dos exercícios, jogos e instruções, todas as recomendações que a experiência aconselhe ao chefe como necessárias etc., etc.

Estes campos, organizados assim com método e cuidado são uma fonte de contínuos progressos para os scouts. Neles se adquire o verdadeiro espírito scout e os conhecimentos

técnicos para as provas de classe e insígnias de capacidade.

Antes da partida para o campo impõe-se um exame a todo o material para ver se se encontra em bom estado. A tenda não deve ter rasgões. Verificar-se-há também que não falte nenhum espreque e que as espigas estejam seguras. O material de cozinha precisa duma observação cuidadosa sobretudo no que diz respeito a limpeza. A falta do máximo rigor neste ponto pode ser muito perigosa para a saúde dos scouts. Além deste material, faz falta no campo uma machada forte e bem afiada, lanternas ou acetilenes e uma pá-picaretta. A qualidade e quantidade suficiente do material concorre muito para o bom andamento dos trabalhos e livra de infinitas arrelias.

É certo que para isso necessário se torna gastar algum dinheiro, mas tendo cuidado com a sua conservação, dura muito tempo.

Os scouts devem pois tratá-lo sempre como coisa sua e evitar tudo o que possa danificá-lo.



## Frutos da radiosa floração

FORUM ABEL VARZIM

DESENVOLVIMENTO

Era uma terça-feira, dia do semanal mercado que tem lugar na terra *beirô* de X., ainda com bastante movimento, apesar da decadência que vem há alguns anos invadindo as tradicionais feiras portuguesas, mesmo as mais famosas.

Os habitantes das povoações vizinhas aproveitam, pois, este dia para vir fazer suas compras e vender os frutos do seu trabalho.

Por volta das quatro e cinco horas da tarde, começa a debandada. E então é divertido vêr esses rústicos homens e anafadas mulheres retirar para suas rurais habitações: uns com os cabazes e canastos desprajados, outros com cestos cheios das aquisições que fizeram: uns folgando e cantando ao som de guitarras, harmónios e gaitas, outros pensando no parco lucro que auririam de suas vendas, etc., etc.; e ainda outros passando, pausadamente, com passos incertos e mal seguros, as estradas e caminhos, por efeito do ascendente nectar da vinífera uva.

Por entre tão belo e variegado matiz de trajar, de róstos e despreocupação, nota-se logo de relance, aqueles que levam a cabeça escandecida com as frequentes libações ao deus Baco.

Todavia estes, depois de muitas quedas e repetidos ziguezagues, lá chegam a casa, por vezes em estado altamente lastimoso.

É, pois para umas destas movimentadas terças-feiras, que venho desviar a atenção dos caros leitores.

Cai serena a tarde, com o ocaso do sol, por traz da azulada e vaporosa serra.

Era, realmente, uma tarde agradável, se não fora o frio que envolvia a terra, apesar de o astro rei a haver acariciado com seus raios, durante o pequeno espaço de seis ou oito horas, tal é o seu reinar nos dias de inverno.

De uma taberna escura e imunda sai como que alucinado um homem de meia idade: as faces encovadas e macilentas, os olhos rodeados de um circulo de névoa sangrenta.

Já sabeis, pois, que o personagem que

## CANTIGAS

*Quem canta, seu mal espanta,  
Embora digam que não!*  
— *Cantando sae p'la garganta  
A mágua do coração!*

*Faz apenas o que entendas  
Que é de utilidade p'ra alguém.  
Nunca, nunca te arrependas  
De praticares o Bem!*

*Não desprezes nunca a ajuda  
Mesmo de quem pouco possa.  
— E' com a lenha miúda  
Que ateamos a mais grossa.*

*A cantar tudo se esquece  
E a vida passa veloz!  
— A mágua desaparece  
Levada p'la nossa voz!*

Rouxinol.

faço aparecer, no principio de esta pequena história, é um ebrio de fôlego que, logo ao sair, dá uma inesperada queda, ao transpôr a soleira da porta, apesar de baixa ser.

E desse terreo mergulho, ocasionado pela excessiva acumulação de vapores alcoólicos na cabeça, por fermentação de bebidas no estômago, e á qual foram aumentar o peso normal e, por conseguinte, desequilibrar o corpo, e fazê-lo sair da sua base de sustentação, resultou, com a queda, o achatamento do nariz do pobre homem, como parte que é a mais saliente.

Levanta-se a custo, pois ninguém se apressa a ajudá-lo... e lá segue, ocupando com seus tubeantes e desequilibrados passos, todo o caminho, com risco de ir de encontro a algum distraído passageante e atropelá-lo, como veículo que é, com a direcção inteiramente avariada.

Neste lastimoso estado percorre várias ruas, até que, chegando a um largo e não sabendo por qual das diferentes artérias, que ali desembocam, prosiga o seu caminho, começa a perguntar, a quem quer que passe, lhe indique o que vai dar á sua terra.

Dois rapazes que por ali passavam, vivos como os dois olhos de uma velha avarenta e raivosa, novos ainda, de idade de seis a oito anos, vendo aquêl pobre borracho sem rumo, sujeito a um atropelamento e o a não chegar a casa tão depressa, ou, sem o auxilio de alguém, a chegar lá em mau e comprometedor estado, resolvem, emoora já tarde e apesar de suas minguadas forças e pouca idade, leva-lo ao seu lar, onde talvez a mulher assustada e os filhos inquietos esperem a sua vinda.

E, ei-los, lá vão: um de um lado, outro do outro, amparando aquêl corpo sem força, sem vontade, e perguntando-lhe qual a terra a que devam conduzi-lo.

O que sabido, tratam imediatamente de o guiar pelo caminho mais curto e de mais suave piso.

No desembocar de uma outra rua apparece, com a saca da aula a tiracolo e com a velocidade de um raio, um outro rapazito a quem elles dizem:

«Anda daí, ó Riça, vem ajudar-nos a levar este homensinho a casa e, assim, fazer uma excelente boa acção.»

Ele não se fez rogado. E vai tomar posições atraz do homem... e empurrava com suas debéis forças.

Assim vão andando alegre e pacientemente, impellido-o para diante e dizendo: «Aude, homensinho; caminhe sem medo, que se faz tarde...»

Assim vão pelas ruas em fóra, não se importando com os lagrimas de admiração e contentamento que brilham nos olhos de senhoras que acorrem às janelas, para vêr esse impressionante quadro de caridade, inspirado pelos preceitos scouts, nem com os ditos, quer lisongeiros, que censuradores, dos homens que veem passar.

Lá vão, lá foram, digo, por campos e vales, já noite, ao meigo brilhar da lua, levar aquela victima do álcool à pobre mansarda, em que a inquietação e o desassociego reinavam: nos olhos, traduzindo-se em lagrimas; nos labios, exprimindo-se em queixas e preces.

Batem à porta, feridos com os lancinantes e doloridos queixumes que dentro ouvom soar e com pressa de pôr termo a tão triste e desesperado scenário de amor conjugal, ante o vicio vergonhoso do marido; de amór filial, ante a desgraça tão prejudicial do pai.

E eis como êsses três rapazes se acham recompensados com os beijos agradecidos daquela desditosa mãe e com as carícias daquêles innocentinhos cobertos de farrapos, alquebrados com a fome... e dizem, com lampejos de ardorosa caridade, àquela mulher tão infeliz e aquelas tão dêbeis creanças, que peçam a Deus e a sua mãe Santissima a extinção daquêle terrivel vicio.

E depois dêstes maduros incitamentos, em bocas tão pueris, vêde-os, cheios de alegria, de volta a seus lares, em que os braços de uma mãe carinhosa e de orgulho sorridente, perante os fructos da tão *radiosa floração*, tão afincadamente gravados já naquêles juvenis peitos, os esperam agradecidos e acolhedores.

Sim, fructos da tão *radiosa floração*, primeiras palavras do Hino scout, porque êsses três rapazinhos eram três lobitos.

Oderfla Beirão



## As Senhoras Pernaltas

### CLIP

Uma família de cegonhas fazia seu domicilio no telhado de uma igreja.

Havia muitas gerações que aquele tecto lhes servia de morada: as cegonhas são afeiçoadas ao seu cantinho de terra; como os nossos camponeses.

Prados e arroyos circundavam a vilazita. Um pouco alem, encontrava-se uma lagôa, com cidades de rãs, de veras populosas.

Desde ha que seculos se via, cada primavera, a Mamã Cegonha atravessar os prados à procura de biscoito, lançar gravemente as suas compridas pernas, balouçar avante e atraz a sua magestosa figura branca. E a poucos passos, o seu grande bico picava na herva, apanhava uma rã, e Mamã Cegonha voava para seus pimpolhos, bico em prôa, patas à pôpa, com as grandes azas estendidas.

E as cegonhitas no ninho, equilibradas numa patita, castanholavam com o bico em sinal de esperança e de alegria.

Ao tempo da minha historia, tinha ella no ninho quatro filhos, rapazes e raparigas, das quais a ultima era muito turbulenta. Apanhava frequentes bicadas da irritada mãe, porque se pendurava para fóra do ninho, o que é muito imprudente; porque roubava as rãs do bico das suas irmãs, o que é muito vil; ou porque se esquecia algumas vezes mesmo no meio do ninho, o que é muito incorrecto. Numma palavra, a pequena Clip era uma jovem cegonha cuja educação não era muito fácil.

Foi Clip a primeira que saiu do ninho,

e logo nesse vôo, em vez de ensaiar as suas azas girando em volta do campanario, desceu para o prado como uma pessoa grande. Mamã Cegonha teve que correr atraz da filha para prevenir desgraças.

Quando era preciso regressar ao ninho foi uma tragedia.

Mamã Cegonha chamou uma amiga em seu socorro. As duas cruzaram o bico sob o ventre de Clip, que batia as azas de rai-vosa. E eis a nossa cegonhita arrebatada pelas duas comadres e voando em sua companhia até à torre. Chegou lá bem afadigada, podeis crer!

Um dia por fim, toda a ninhada pôde descer ao prado, onde Mamã Cegonha lhes ensinou a caçar.

«Bem moveis sobre uma pata, meus filhos!»

«Salta uma rã; clop! uma bicada... Está apanhada.

«Atira-se ao ar a presa, abre-se o bico, e recolhe-se a rã em plena boca.

«Não é difficil, meus filhos», gritava Mamã Cegonha, enquanto se via descer a rã ao longo do cmprido pesçoço.

Quando o sol era já uma bola vermelha, em baixo, na linha do horizonte, a Mamã Cegonha quis reconduzir os filhos para casa. Os tres mais velhos, juntaram-se, mas Clip havia desaparecido. Mamã Cegonha com o grande bico, remexeuervas e arbustos... Ninguem...

Entardecia.

«Que desgraça», — disse — tanto peor para aquela doida! E eu preciso conduzir os outros ao ninho. As cegonhas devem voltar para casa à noite, porque a noite é perigosa para as cegonhas.

A familia, em rapido vôo, regressou aos seus aposentos, situados lá em cima sobre a linda igreja. ABEL VARZIM

DESENVOLVIMENTO  
E SOLIDARIEDADE

Que sucedera a Clip?

Seguiu um fio de água que corria, corria de fenda em fenda, de raiz em raiz, até ao regato. Aqui afluava, ali desaparecia de novo. Clip chegou assim muito longe da povoação, às margens dum ribeiro cercado de prados e de moutas.

Na herva, repousava numa pata uma extranha cegonha parda: tinha o pesçoço estendido sobre o dorso, e na cabeça uma pequena pluma que se erguia e abaixava sucessivamente.

«Boa tarde, minha tia, — disse Clip, — vós dormis quando na herva saltam rãs tão gordas?

— Rãs, minha filha, são manjar de cegonhas, eu sou garça, e alimento-me de trutas; nós dormimos de dia e pescamos de noite, ao contrario das cegonhas medrosas.

Mas deixa-me dormir, que esta noite tive que fazer.

... A tia Garça não tinha vontade de conversar.

Bem depressa o sol foi tombando; depois desapareceu. A noite veio rapidamente.

Então a tia Garça acordou, estirou as suas compridas pernas, as suas longas azas; vôou para uma arvore; de lá para o ribeiro, e no meio da corrente pousou sobre uma grande pedra.

«Que diacho fará ella acolá?» perguntava Clip a si propria.

A grande Garça estava quieta, com a cabeça inclinada sobre a agua.

Entretanto escurecia cada vez mais e Clip começava a ter medo naquela escuridão.

— «Tia Garça, não me poderia ajudar a encontrar o meu ninho?

— Está calada, maluca, deixa-me pescar!

— «Ela pesca; e se eu fizesse outro tanto? Tenho fome; talvez as trutas sejam melhores do que as mais gordinhas rãs!»

Em breve a garça mergulhava o bico e

colhia um pequeno peixinho, que atirou ao ar e apanhou com a boca bem aberta; um segundo se lhe seguiu, depois um terceiro... e assim muitos mais.

— «Belo, — discorreu Clip, — salto para uma pedra no meio da corrente, mergulho o bico; não é difficil.

Mas a pobre Clip era nesta pesca pouco habil, como uma verdadeira cegonha, não sabia encontrar na agua o peixe adormecido na areia ou que nadava rapidamente... Nem o menor peixinho se veio prender no seu bico.

«Decididamente, não chego a isto; deixo pescar a tia Para mais, esta pedra gela-me os pés. Vou voltar para o prado. Deixemo-nos dormir, tenho muito sono e isso acalmar-me ha a fome.

E Clip adormeceu sobre uma pata, erguendo a outra sob o peito.

No sono, sente coisas que se mexem, coisas que passam por ella. Por vezes, um ar tepido vem soprar na sua perna.

Clip, não via claro de noite, não percebia perto de si um velho tronco de arvore tombado atravez de ribeiro. E' uma ponte natural onde passam alegremente coelhos em bando e ganham a outra margem, coberta de serpão. Passam tambem os gatos na gandaia, toupeiras e ratos, um exercito de animais que vigiam de noite quando os outros adormecem.

Atenção! qualquer coisa maior cruza como uma sombra...

Mestre Raposo!...

Clip não conhece essa pessoa cujos olhos brilham fixos sobre ela.

Raposo parou... Medita, enquanto que lá em baixo a tia Garça continua pescando.

Os olhos brilhantes do Raposo não podem separar-se da adormecida Clip.

Reflecte.

Raposo, durante parte da noite, andou a rondar deante de um galinheiro: os cães deram-lhe caça.

A fome aperta-lhe o ventre.

— «Se eu comesse esta grande ave, que ali está com uma pata no ar. Salto-lhe sobre o lombo, de lá, aperto-lhe o pesçoço com os meus dentes, croc!... A sorte está jogada, terei bom jantar!...

Raposo silenciosamente, aproximou-se da presa... salta sobre ella... estrangulou-a antes que ella tivesse tempo, sequer de abrir os olhos.

A carne de cegonha jovem parece-lhe delicada.

— «De boa vontade comeria as irmãs desta ave tão rica, mas que diacho? estes volateis são dificeis de encontrar, para nós os raposos, que caçamos de noite.»

Quando já não restava mais que uma aza e pouco mais, mestre Raposo, pensou:

«Tenho a barriga bem cheia, assim não posso entrar na toca. Eu vou, à nossa moda, guardar estes restinhos para os encontrar amanhã.»

Escavou na terra, escondeu a aza e um quarto, e cobriu-os de areia batida com a cauda.

Então retomou o caminho da toca, onca, o ventre, com efeito, custou a entrar.

Chegado ao interior, lá se deitou enroscado, digerindo o repasto, sonhando em caçadas futuras.

Raiou a manhã...

No horizonte, desenha-se uma banda côr-de-rosa. Fitas de nevoa se desprendem dos matagais, entre os troncos que estalam acordam as galinholas que carecem.

O prado está deserto; os viajantes da noite já desapareceram todos: ratos e toupeiras, láparos e gatos, e a garça tambem.

Apenas se vê, sobre a areia, o rasto dos três compridos dedos de suas patas, e bem perto, espalhadas algumas penas brancas: as da pobre Clip.

## Nas regiões, nos núcleos e nos grupos



### REGIÃO DO PORTO

Decorreu brilhantemente a festa que o Núcleo do Porto levou a efeito para prestação da Promessa de vários dirigentes e aspirantes.

Após tres conferências feitas pelo Director do Grupo 8, realizadas numa das salas do Circulo Católico, a que assistiram todos os dirigentes, scouts e aspirantes deste Nucleo, fizeram a «velada de armas» na Igreja do Bonfim os novos aspirantes no dia 14 do corrente.

No dia seguinte, 15, pelas 9 horas, todos os scouts se dirigiram em formatura para o Templo da Sé, onde assistiram à missa e comungaram, sendo-lhes feita também uma prática adequada ao acto pelo Rev. Cônego Dr. Ferreira da Silva, abade da Sé e Director do Grupo 8.

De tarde, pelas quatro horas, todos se dirigiram para o campo do Circulo Católico, onde eram aguardados por uma assistência numerosa e selecta.

Feita a saúdação à Bandeira Nacional e á do C. N. S., e cantada a «Canção Scout», o Snr. Inspector Regional dirigiu algumas palavras aos novos dirigentes e aspirantes, incitando-os ao bom cumprimento do serviço de Deus e da Pátria, simbolizado na Cruz e esfera armilar das duas bandeiras que, como irmanadas, flutuavam altivas em seus mastros, e termina por receber a promessa dos novos dirigentes.

A seguir, o Snr. Director do núcleo e do Grupo 10, Rev.º Snr. P.º Abílio Cardoso, fala aos aspirantes, que mandam estar «alerta» para o bom cumprimento da promessa que vão fazer perante os seus chefes respectivos.

Diz ainda que para que a festa fique completa, e para que o estímulo nunca falte aos jovens para um melhor aperfeiçoamento, a Ex.ª Comissão Executiva da Junta Central houve por bem conceder medalhas de assiduidade e exemplar comportamento aos Snrs. Aristides Rodrigues e Rodrigo da Rocha, respectivamente chefe e ajudante do Grupo 8, e José Augusto Pereira, chefe do Grupo 10.

Estas condecorações foram impostas pelo Snr. Comissário Regional Capitão Pombeiro, que presidiu à festa ladeado pelos Snrs. Inspector Regional, Coelho da Mota e Rev. Conego Dr. Ferreira da Silva.

Finda a promessa dos novos aspirantes, executaram-se, sob o comando do novo Instructor ajudante do Comissário do Núcleo, Snr. Brandão, várias evoluções, jogos e exercícios scouts, que muito agradaram à assistência.

Terminada tão simpática festa cerca das 7 horas da tarde, todos os componentes do Núcleo do Porto foram em formatura pelas ruas da cidade, indo desfilar perante o monumento aos mortos da Grande Guerra, onde um lobito depôs um lindo ramo de flores.

A seguir retiraram para as suas sedes, onde dispersaram.

— No próximo dia 29 efectua o Núcleo do Porto uma nova festa no Salão do Circulo Católico, representando-se um drama e uma comédia.

A parte musical está a cargo dos Scouts do Núcleo de Gondomar.

— Reina grande entusiasmo pelo 2.º Acampamento Nacional, sendo já grande a inscrição dos que tencionam tomar parte nesse movimento de verdadeira confraternização e sciencia Scout.

Para esse fim já foram encomendadas 4 novas tendas, respectivamente para os Grupos 8, 16, 27 e 29.

— Continuam as instruções do novo grupo e alcaiteia em formação na Vila de S. Tirso, esperando-se que em breve será a sua inauguração.

— Também o Grupo n.º 17 (Espinho) devido à actividade do seu incansável chefe e do novo director, readquire novos elementos, sendo consolador o seu afan ao serviço de Deus e da Pátria.

— O «dia de S. Jorge» foi celebrado em todos os grupos da Região mais ou menos solenemente, dando-se assim cumprimento à Ordem Regional, que determinou essa comemoração.

Gazeta.

SERPA

### COVILHÃ

No dia 9 de Abril pela manhã chovia torrencialmente. Parecia estarmos em pleno inverno. Não obstante o grupo 19 tinha um convite para se fazer representar nas festas em homenagem aos mortos da Guerra.

Seria impossivel comparecermos se da nossa parte não houvesse um grande espirito de obediencia. Mas como felizmente há em nós todos amor e vontade pelo escotismo, mais uma vez demonstramos o nosso vigor e a nossa coragem.

A's dez horas da manhã, saímos da sede para o magestoso templo de Santa Maria. Lá fora o regimento estava formado. Ao passar pela bandeira Nacional o grupo fez a saudação de honra, que foi correspondida pelo «sentido» dos militares. Entramos na igreja. Lá dentro o sr. Bispo Auxiliar da Guarda resava a missa na presença das pessoas mais categorizadas da nossa terra. Finda a missa dirigimo-nos num cortejo civico até ao cemiterio.

Depois de alguns discursos o cortejo pôe-se em marcha até junto do monumento aos mortos da Guerra. Ali fomos de por alguns ramos de flores. Dali seguimos para o Quartel do Regimento de Infantaria 21, sempre debaixo de chuva. Ali novos discursos, e o grupo estava mais uma vez coberto de gloria. Por fim a banda regimental tocou o himno nacional, e fizemos de novo a saúdação de honra, regressando à nossa sede, todos molhados é certo, mas com a satisfação do dever cumprido, mostrando assim a nossa bravura e o nosso amor pelo escotismo.

Rouxinol.

### VISEU

Já há bastante tempo que não dou aos leitores da nossa querida «Flor de Lis» notícias dos scouts desta nobre terra de Viriato, o heroi luso-beirão dos sete costados — pois era pastor da Serra da Estrela — que na península depenou as aguias romanas, fazendo-as morder o pó da derrota.

Agil, conhecendo a serra em todos os seus escaninhos, era um verdadeiro scout, no seu viver.

Mas, a que proposito falei de Viriato?

Ah! E' que consta que, em breve vai ser inaugurado, nesta cidade, um novo grupo do C. N. S. com este nome. E escolheram bem os rapazes, porque se imitarem o seu patrono, teremos um bom grupo de scouts.

Avante, para maior honra do C. N. S. — Há grande entusiasmo no meio scout pelo acampamento nacional. — Os nos-

soos dirigentes, acompanhados de um medico, continuam a ir, todos os domingos a Coimbra, ás lições de ginastica do nosso commissário Geral medico, Dr. Weiss de Oliveira, começando já de a ministrar aos lobos e lobitos. — E agora, aqui muito em particular, os scouts aqui andam todos com o juizo a arder, porque logo que o tempo o permita vão fazer o seu primeiro bivaque.

Com este fim já foram adquiridas para o grupo, quatro tendas e a rapaziada, ao saber disto, anda para af a pular de contente, na aucia de conhecer a vida do campo. Mas o mau tempo!... o mau tempo!

Por acaso não viria o Inverno passar a Primavera a Viseu?

Gorno do Caramulo.



Com um brilhantismo muito superior a toda a expectativa, inaugurou-se no passado dia 15, o Grupo n.º 38, constituído exclusivamente por seminaristas com sede no respectivo seminário.

A festa, que, em virtude de maior parte das madrinhas não poderem vir antes, só principiou ás 4 1/2 da tarde, foi iniciada pela promessa solene feita com a assistência de Sua Ex.ª Ex.ª o senhor Bispo de Beja e de muitas pessoa convidadas, tanto civis, como militares de varios pontos da diocese, principalmente de Beja e Serpa.

A seguir à promessa fizeram os novos escoteiros no recreio do Seminário, repleto de pessoas, evoluções variadas, construção de pontes por onde passaram, macas, escadas, exercícios de sinalagem, trabalho por patrulhas, etc. ficando os assistentes verdadeiramente encantados com a maneira perfeita como foram executados os vários exercicios.

A grande saúdação à bandeira Nacional e a Sua Ex.ª Rev.ª foi feita com o toque de continência por um terno de clarins.

Finalmente seguiu-se uma interessante Academia literário-musical, onde, a par das poesias e cânticos a duas e tres vozes, se fizeram vários discursos. Falou em primeiro logar o senhor Vice-Reitor do Seminário que mostrou com habilidade o grande valor do escotismo na educação. Seguiram-se dois scouts que, com a alma a difundir alento e esperança cantaram as glórias de Portugal e o seu próximo resurgimento pelo escotismo católico. Falou em seguida o representante do C. N. S. Rev.º P.º Manuel Lopes da Cruz, cujas palavras cheias de calor e entusiasmo deixaram em todos as mais gratas impressões.

Fechou a academia com chave de ouro Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor D. José do Patrocínio Dias. As suas palavras, saídas dum coração ardente, cheio de fogo, electrizaram todos os corações.

E assim terminou, para nunca mais esquecer, a festa da inauguração dum grupo de scouts.

Agora só resta que saúdemos com toda a alma os nossos irmãos scouts.

Embora os mais afastados da sede Central, perdidos quasi na ponta de Portugal, além Guadiana, a nossa voz, contudo, acalentada pelos bafo do Santuário, clara como a pureza das nossas almas, será bastante forte para que todos os grupos de Portugal a possam ouvir:

Arraial! Arraial! Por Deus e Portugal!

Andorinha Alentejana.